



## Entrevista com o Sr. Pe. António Seixeira

J o s é   S i m ã o e s \*

### Transcrição

**E.** Sr. Padre Seixeira, nesta entrevista pretendemos fazer uma abordagem à sua pessoa como interveniente e como homem, primeiro, e depois como orientador espiritual e conselheiro desta comunidade de Salzedos. Penso que aceitará falar um pouco de si como pessoa que decidiu acarinhar e abraçar a vida religiosa; fê-lo por escolha? A sua raiz social, se assim pode ser dito, foi o motivo da opção que tomou para ser, digamos, o pastor deste rebanho, que é a população da freguesia de Salzedas? Ao chegar cá, que tipo de tecido social encontrou, se é que estava avisado para o que vinha, qual era a sua missão e objectivos, ou se os objectivos vão sendo construídos no dia a dia, ou sempre com aquele propósito de ser cidadão e conselheiro espiritual numa relação cristã entre as pessoas e valorizá-las mais para vida, e depois para a morte, digamos assim, para aqueles que acreditam no transcendental. Portanto, são mais ou menos todos estes aspectos, no fundo, o quotidiano das pessoas, que iremos abordar; a cultura e ligação que têm com ela, a maneira como constroem a sua perspectiva; a harmonia social entre as famílias, e se o Sr. Padre estará satisfeito com a promoção social conseguida das pessoas desta comunidade rural. É, digamos assim, uma abordagem e uma avaliação global da sua permanência nestas terras.

Gostava também de lhe perguntar se aceita, “colar” a esta nossa conversa amiga, interactiva, a recuperação do Mosteiro e da própria Igreja; sei que se deve à sua pessoa, ou pelo menos é na sua era como pároco, que a recuperação se tem vindo

---

\* Sociólogo. Mestrando em Sociologia da FLUP.

a desenvolver; portanto, pretendemos que a sua descrição conste no meu trabalho de pesquisa, bem como os registos da sua pessoa, como homem que sugere essa dinâmica, e que aceitou assumir todo esse trabalho ligado à nossa história, e ficar como ícone desta grandeza. Remorização.

*Bem, depois falamos nisso, e talvez a palavra ícone não seja a melhor ... (com risos)*

**E.** Mas agora vou retorquir-lhe; no contexto actual, certamente terá, por detrás, uma equipa que orienta e que se adapta; e não há sociedades perdidas, pois em democracia há sempre alguém que é chefe de alguma coisa.

*e. Bom, digamos assim, comecemos pelo primeiro ponto. Sou o Padre António José Ferreira Seixeira, fiz quarenta há dias, ainda estou bastante novo apesar de estar (e levou a sua mão ao cabelo) um bocadinho mais "pintado", com um grisalho no cabelo; estou aqui nesta paróquia há quinze anos... (pequena pausa), treze como sacerdote e dois ainda como seminarista estagiário e diácono... (breve pausa); claro que não sou natural daqui, da diocese de Lamego, sou natural de Ferreirim de Semancelhe, a escassos quilómetros daqui, bastante perto e vim aqui parar um bocadinho no desconhecido e numa expectativa que nem conhecia muito bem, por assim dizer; eh... (pequena pausa) entrei aqui em Salzedas em Outubro de 1992, fazendo estágio ao fim de semana, com outro colega sacerdote que se tinha formado nesse ano e, digamos assim, juntamo-nos os dois, ele como pároco e eu como estagiário para ajudar também na dinâmica pastoral que esta comunidade tinha. Uma comunidade com uma situação ou pouco conturbada. O pároco anterior tinha saído, contra a vontade das pessoas; havia portanto uma certa animosidade latente pela saída do outro sacerdote e pela idade do novo sacerdote que era na altura esse padre.*

**E.** Portanto queriam conservá-lo, era isso?

*e. Sim, queriam conservá-lo, mas a diocese precisou desse sacerdote noutras funções e colocou cá então esse padre, João Carlos da Costa Morgado e eu como estagiário. No ano a seguir, voltei a ficar, já como diácono, portanto em 93 e em 94, quando fui ordenado sacerdote, eh... (pequena pausa) foi-me dito que iria continuar em Salzedas, que era interesse da diocese, dos serviços, que eu continuasse o trabalho com este outro sacerdote; claro que não era só Salzedas, propriamente dita. Havia uma grande comunidade aqui à volta, e na qual exercíamos o nosso munus sacerdotal. Passados dois anos e pouco, depois de ter sido ordenado sacerdote, esse outro colega, foi convidado pelo seu bispo a continuar os seus estudos em Paris, para fazer outros serviços no Seminário diocesano de Lamego e actualmente é o vice-reitor do Seminário da diocese. Na altura,*



*eu tinha acabado de fazer um outro curso, para lá do curso de Teologia, que é o curso de jornalismo e prosseguir outros estudos no Observatório Romano de Roma, mas foram situações que foram... (pausa mais longa) de difícil decisão, embora aliantes, por causa do... do projecto em que eu estava envolvido. Convém dizer que, digamos, quando viemos para aqui, este Mosteiro, ou melhor, este complexo, ou conjunto monástico, estava... (pequena pausa) não digo abandonado, que havia culto, mas... (breve pausa) tirando o culto, era tudo escuro. Silvas, claustros com fendas enormes, telhados a ruir; chovia mais lá dentro que na rua; drenagens que não estavam feitas; de Inverno, corriam autênticos rios dentro da Igreja; de Verão corria água dentro da Igreja; as pessoas de Verão faziam as suas regas e havia alagamentos à sua volta.*

*E isto, para lhe dizer o quê? Para lhe dizer que um rapaz com vinte e poucos anos acabado de ordenar, eh... (grande pausa), depara-se com uma situação que é esta: o que ... (breve pausa) me calhou em sorte, para tomar uma... (breve pausa) as rédeas de um projecto.*

**E.** Que não era só da prática religiosa, mas de alguma forma, atrair o interesse, porque a vida do dia a dia das pessoas não é só a oração; é que ligada à oração há a vertente de toda uma família, de um esforço, de toda uma dinâmica social e cultural; quer dizer, sentia-se nessa obrigação?

**e.** *Eu senti-me na obrigação de fazer ... (pausa mais longa) qualquer coisa, porque como eu costumo dizer de uma forma ecléctica, das duas três.*

*Ou deixava tudo como estava, ou me ia embora, ou pegava-lhe a sério; e eu optei pela terceira, pequei-lhe a sério; e peguei-lhe a sério, neste sentido: é preciso fazer obras; é preciso preservar este património que ainda está de pé; é preciso cuidar de todo um património móvel que, até então, praticamente era desconhecido; aliás, uma das ideias que pairava no ar, na diocese e por aí fora, é que Salzedas tinha uma Igreja grande, mas... (breve pausa) pouco mais; enquanto outro Mosteiro aqui bem ao lado, perto de nós, S. João de Tarouca, para além Igreja com um acervo interessante de pinturas, Grão Vasco e por aí fora; portanto era um monumento que, como grandes monumentos dentro daquele grande monumento, o que motivava logo outra dinâmica e tudo isto de, ... (pequena hesitação) e intelectual de investigação que Salzedas **não tinha** (palavras ditas com maior ênfase).*

**E.** Talvez estivesse adormecido.

**e.** *Estava esquecido, esquecido, completamente esquecido. Claro que, não quer dizer que fosse um esquecimento mórbido, mas a vitalização era minúscula, mínima, se assim podemos dizer. Se bem que, e aqui convém também dizer, havia algum esforço*

*de movimentação nessa dinâmica de ir à procura da Igreja de Salzedas; talvez do singularismo que tinha esta vila e este conjunto monástico; e aqui convém dizer que de facto, a Natália Correia, nalgumas das suas vindas a Salzedas, no bairro medieval, na judiaria, no conjunto do Mosteiro, o próprio Dr. Mário Soares numa visita que fez a Salzedas, alguns políticos que passavam por cá, tudo achavam muito interessante, mas ficavam por aí.*

*Havia um certo interesse, assim como um pároco que aqui passou, o padre José Guedes, que começou a dinamizar um encontro de Janeiras nos claustros, um encontro distrital das Janeiras nos claustros do Mosteiro para chamar a atenção da degradação em que aquilo estava; mas acabam logo por ser momentos interessantes, que lhe davam jeito, que chamavam pessoas mas verificava-se depois uma grande inércia dos poderes políticos e dos poderes locais. Por outro lado tinha outro problema que era uma...gran...de diss...ociação (palavras ditas pausadamente) do mosteiro... (breve pausa) das pessoas. Por uma razão muito simples; há um dito, mais ou menos popular, digamos assim, em alguns meios, que diz o seguinte: terra de palácios não dá padres! (frase proferida com alguma exclamação).*

**E.** Também já ouvi falar nisso.

*e. E eu digo mais... (breve pausa), terra de frades... (breve hesitação), cria contra-padres; por uma razão muito simples: há toda uma presença religiosa, eh... (pequena pausa), poder económico, cultural e espiritual; e durante séculos também não esteve assim tão bem quanto a sua missão original, não é? E estas bipolarizações do poder eclesiástico, passe-se a expressão, ou o poder temporal que os eclesiásticos obtinham... (pausa mais prolongada), cansou e de certa forma também martirizou um pouco as pessoas que viviam neste sistema. E, com a expulsão dos monges a atitude acaba por ser... (breve hesitação e pausa) acaba por ser uma atitude recorrente, vai ao sabor da corrente.*

**E.** Vai ao sabor da corrente e instalou-se o descrédito, de alguma forma até de cariz político na altura, talvez pelos excessos cometidos?

*e. Sim, pelos excessos cometidos e a forma de politizar esses excessos era usurpar, era a usurpação; e nós podemos ver pela aldeia. Túmulos que não estão no Mosteiro; azulejos que não estão no Mosteiro; pedras que não estão no Mosteiro; escadas, património móvel, pinturas e por aí fora.*

**E.** Foi assim tudo saqueado?



e. *Sim, saqueado já que após a extinção dos mosteiros, houve saque porque não era de ninguém e era de todos; ora a pior coisa que pode haver para um povo, é... (breve pausa) é aquela célebre máxima que se ouve um pouco por aí, que é, isto não é de ninguém, (tom de voz elevado) é **nosso**; é nosso enquanto nos serve, mas já não é nosso quando implica consciencialização, um empenho, uma reestruturação; e aí já não é nosso, é com os outros. Foi o que aconteceu aqui com isto; também convém dizer que no tempo em que entrei na paróquia, vivia uns tempos... (breve pausa) quase de incerteza económico-social, política, etc.; não quer dizer que fosse uma incerteza política no campo democrático, mas sobretudo da (elevou tom de voz) **consolidação** dessa democracia; as Câmaras Municipais, eleições, depois aparecem pequenos grupos com interesses particulares num partido político ou noutro (reforçou o seu tom de voz) que acabou a dividir as pessoas.*

E. Os chamados “lobbies”? Por aí?

e. *Não, “lobbies” não; nós entendemos mais os “lobbies”, numa pressão ou num grupo de pressão com uma dinâmica mais abrangente; aqui é uma dinâmica muito mais local, digamos assim; podemos chamar, se assim quisermos, pequenos “lobbies”, digamos assim.*

E. Portanto, são à dimensão do local?

e. *Sim à dimensão local e à escala nesse sentido; portanto, essas divisões políticas, esses interesses políticos vêm instrumentalizar um bocado o povo e até dissociar ou avaliaram o Mosteiro no sentido de que, se calhar o Mosteiro estorva porque não nos deixam fazer as casas, passe-se a expressão, e fica ao critério se depois quer utilizar ou não; como a gente vai dizendo, por aqui, o Mosteiro, o monumento, não deixava que as pessoas fizessem casas tipo “la maison”, com janelas tipo “la fenetre”.*

*É uma zona de muito emigrante e essas pessoas quando começam a regressar, neste tempo, começam a trazer algum poder económico, começam a construir a sua habitação própria; começam a ter uma **ou...tra capacidade de resposta** (frase dita com tom de voz mais forte e pausadamente), económica, social e pessoal; começam a contestar, de uma forma veemente, para construir até perto do Mosteiro porque não deixam aquilo que acham que é o melhor. Puro erro e nós hoje podemos ver isso, não só esta paisagem global do Vale do Varosa que foi abissalmente adulterada, com toda esta construção desenfreada e desordenada, como por outro lado, estas habitações novas que foram feitas, não tiveram em conta nem o desvio geográfico dos rios e ribeiros.*

E. Para ter uma certa harmonia e equilíbrio paisagístico, digamos assim?

e. *A própria localização das casas, a construção das casas por aí fora sai feias, frias húmidas, até com problemas estruturais graves, porque foi um desenfrear de construir, sem uma capacidade de u.su...fruir (dito pausadamente e reforço de voz) daquilo que podiam ter. Bom! Perante, (breve hesitação) perante toda esta situação ainda tinha uma outra que não era não menos fácil. Salzedas é uma freguesia com uma característica própria que é naturalmente muito dividida; nós temos cinco povos, actualmente quatro; tínhamos mais mas perdemos capacidade, digamos assim, de implantação, porque alguns até já nem existem em termos de habitação divididos em vários povos.*

*Actualmente são, Vila Pouca, Murganheira, Cortegada, eram duas mas agora é uma só e Meixedo; mas quando vim p'ra cá ainda havia Cubais, com muita gente, S. Pedro, com muita gente, os Cubais de Baixo, também com bastante gente e os Moinhos na Vila Cova, onde habitava muita gente; portanto, a divisão ainda era maior.*

E. Então quer dizer, esses povos que me está a referir já não fazem parte da freguesia!

e. *Fazem parte, só que são meios povos.*

E. Meios povos?

e. *São meios povos porque entretanto as pessoas ou morreram por causa da idade, os filhos até emigraram, ou então construíram mais nestes quatro aglomerados ou deixaram de construir nestes aglomerados mais pequeno, um pouco mais distantes destes centros, até hoje povos, que fizeram com que ficassem completamente sem ninguém. Como é o caso de S. Pedro, como é o caso de Moinhos; portanto, em Moinhos ainda vive uma família, como é o caso dos Moinhos aqui do Mosteiro onde já não vive lá ninguém, como é... (pausa mais alongada) o caso dos Cubais de Cima onde vivem actualmente duas famílias. No Verão ainda vivem lá quatro famílias quando vêm de férias, mas acaba por ser uma... (breve pausa) uma quinta, já não é um povo, já é uma quinta.*

*Ora esta divisão dos povos também fazia com que as condições entre si criassem uma certa rivalidade entre povos por uma animosidade de gente que pertencia à mesma freguesia mas que não conseguia lidar muito bem uns com os outros, porque os seus feitios eram completamente díspares. Um exemplo: uma história... (breve pausa) que é história, não história de conto. Todas as crianças vinham ter catequese aqui na sede da freguesia de Salzedas; as crianças de Meixedo desciam a encosta para vir à catequese e depois regressavam a casa, subindo a encosta; estamos a falar de dois*



quilómetros. Era o caminho que as pessoas faziam habitualmente; hoje, se calhar é muito porque estamos habituados a caminhar pouco.

E. Hoje há mais carros.

e. Na altura não havia tantos; as crianças vinham cá baixo à catequese, e quando iam regressar a Meixedo, as crianças de Salzedas corriam-nos à pedrada; e quando se aproximavam de Meixedo já lá tinham os seus amigos para correrem os de Salzedas também à pedrada até determinado ponto; portanto, havia ali uma terra de ninguém que mantinha uma certa distância entre os povos; ora isto diz tudo o que é uma freguesia única, com divisões múltiplas. Ainda hoje é um castigo, esta rivalidade.

E. Uma certa rivalidade territorial, no fundo.

e. **Uma certa rivalidade territorial e familiar** (frase proferida com elevação do tom de voz). São raros os casos de pessoas de Meixedo casarem em Salzedas ou de Salzedas casarem em Meixedo.

E. Quer dizer, continua haver uma rivalidade, até um virar de costas!?

e. Já com outros povos as coisas eram mais amenas; por exemplo, a Murganheira e Salzedas, já se davam melhor, já... (pausa) eram mais próximos, mas não evitava que as coisas acontecessem; e depois com toda a situação social que Salzedas também tem, que é o problema, um problema grave, sem dúvida, e que nos dias de hoje ainda se mantém muito, que é um problema de consumo de álcool; aliás, toda esta corda que Ucanha, Salzedas, são... (pausa mais longa) são uma região que produz óptimo vinho.

E. Claro, é conhecido.

e. E são conhecidos os espumantes da Murganheira; e este vinho é de facto um vinho de um cariz excepcional, aromatizado, gaseificado e as pessoas têm na sua adega um autêntico espumante sem adereços de nada.

E é ao fim de semana, ao domingo na taberna, e por aí fora, que sempre bebia mais um pouco; e às vezes criava e alimentava estas animosidades entre povos; e nesta panóplia de situações, Salzedas, mesmo para quem vinha de fora, era aliciante; era uma grande terra, com Mosteiro, com muito comércio, com muitas casas, muitas tabernas, cafés... (breve pausa) por aí fora; era uma terra com uma dinâmica social interessante, mas também passava por ser uma terra muito quezilenta, com problemas aí às vezes complicados entre famílias, entre... (breve pausa) entre as pessoas que trabalhavam no campo e por aí fora. Inclusivamente, em alguns eclesiásticos também havia uma certa... (pausa) um olhar, com algumas reticências, porque o padre de

*Salzedas seria sempre um bocadinho, teria que ter um bocadinho... (pausa) digamos assim, para se entender.*

*Aliás, alguns dos meus colegas quando vinham para cá desejavam-me muita sorte.., “vais para Salzedas”. Eu hoje tenho que dizer isto, e dizê-lo com convicção (pausa) ideias também muito erradas, sem dúvida. É uma situação que marca um pouco. Não é uma família que, com menos consistência, com menos entrosamento familiar e social, põe em causa toda uma freguesia.*

*O que é certo é que, passados estes quinze anos, as coisas são muito diferentes... (pausa) As pessoas evoluíram, as mentalidades também. Não são situações perfeitas, muito longe disso, mas o futuro já é substancialmente diferente. Não só em relação às pessoas com o seu mosteiro; hoje há um interesse maior... (breve pausa) as pessoas já querem saber o que estamos a fazer, o que é que se passa; porque é que as obras não andam, porque é que estão a demorar tanto, o que é que se descobriu... (breve pausa) já é um passo enorme das pessoas, poderem manifestar este desejo.*

**E. Quer dizer, faz parte da identidade deles, da localidade?**

*e. Sem dúvida e interiorizaram que éramos capazes de inverter toda a situação. Porque o descrédito que isto ia tendo, que ninguém lhe deitava a mão, que era preciso dinheiro, que era preciso tudo; esse descrédito levava a que... (breve pausa) “Demorou-se tempo demais e agora já não há volta a dar”.*

*Ora hoje, quando as pessoas vêem que foi possível colocar a cobertura total do edifício, que são centenas de metros quadrados... (breve pausa) estamos a falar de uma igreja que tem 90m comprimento, uma selaria com 50m comprimento, convento largo, alguns claustros que são enormes, os maiores que temos no país; e não é só um, são dois. Quer dizer, toda a parte da noviçaria que já está minimamente recuperada.*

**E. É a parte onde ficavam os noviços e os conversos?**

*e. A parte da farmácia, que estamos a começar de a recuperar. Enfim... (pausa) as pessoas já não acreditaram que era só conversa, mas começaram a ter a convicção real de que era possível. E está a ser possível.*

*Não com a velocidade e com a rapidez que a gente quer, porque não é possível, mas com uma coordenação, com um faseamento, com uma direccionalidade, para que as coisas possam, no seu todo, funcionar e termos um todo harmonioso, com uma finalidade, com um cariz, com uma vertente que é a que nós queremos.*

*Por outro lado, as pessoas começam a disponibilizar-se, a participar neste processo. E esta disponibilização das pessoas alimenta-me ... (breve pausa) uma ânsia*





*de conseguirmos ir mais longe. E as Janeiras, que não se realizaram durante anos, porque os claustros já não tinham condições de receber uma pessoa, continuamos a tê-las... (breve pausa) ou dentro da Igreja quando o tempo não permitia, ou nas escadas e nas varandas exteriores ao mosteiro, ou no bairro medieval enquanto nos foi possível.*

**E.** É o reviver da cultura local, de tradições?

*e. Não a deixar perder, dava algum ânimo...de chamar a atenção, de trazer gente que velasse por isto.*

*Quem diz isto, diz outros eventos que se foram fazendo em termos de dinâmica social, para que as pessoas conhecessem aquilo que era Salzedas. Foi sem dúvida um dos ganhos a nível país, religioso, social, económico. Por aqui passou muito do que somos hoje no país. E esta vertente ainda muito esquecida, ainda pouco estudada... (pausa) São vários os pontos que se podem focar. Mas deixaremos isso para outra parte da entrevista, de forma a que não perca o fio da meada. Por outro lado, criou-se uma outra dinâmica, ou tentei; ainda hoje tento criar, essa dinâmica na vertente paroquial. A própria Junta de Freguesia não afasta... (pausa) logo todos os interesses particulares; e as politiquices locais e as caras dos nossos amigos ou dos nossos menos amigos, mas sobretudo a nível paroquial, fazer com que ... (pausa mais longa), ao contrário do que se chegou a fazer, comunhões solenes, crismas, primeiras comunhões, etc. só se fazem na Igreja Paroquial. Toda a gente se reúne á volta da Paróquia, da igreja paroquial. E é aí que celebramos os sacramentos da comunidade paroquial. Os baptizados, etc. As pessoas também têm o direito em lá pôr o seu património local. Um baptizado é uma cerimónia comunitária, mas sobretudo familiar... (pausa) um casamento pode ser feito ... (pausa).*

*Agora, tudo aquilo que envolva a comunidade, há que criar esta comunhão. Em abono da verdade temos que ser justos. Como é que eu posso ser Igreja, se na minha Igreja paroquial eu não consigo ser? E deixo de ser igreja paroquial e passo a ser igreja de capelania?*

*e. Inclusivamente, a própria cerimónia do corpo de Deus... hum... (pausas) que podia ser em todo o lado, uma união de comunidade, de comunhão ao próprio sacramento eucarístico que se celebra, devia ser único, comunitário. Eu não posso unir ao corpo de Deus, quando... (pausa mais longa) quando o meu interesse é só particular. Nesse dia não há nenhuma missa em nenhum dos povos.*

**E.** É tudo centralizado na igreja matriz?

e. *É centralizado, mas a preocupação é outra; é reunir as pessoas. Ainda não cheguei a um patamar que diga “Estou satisfeito”. Se houver uma família que não participa, já me entristece. Mas é um processo lento. Por exemplo, a vigília pascal e a semana santa é só aqui feita. E uma forma de ... (pausa) motivar as pessoas, é cativar os jovens para alguma dinâmica paralitúrgica que se desenvolve, que envolve as famílias para verem a representação que o seu filho vai fazer. Quando dizemos que na Semana Santa o seu filho vai fazer de Cristo, Pilatos, Herodes, seja o que for...(pausa).*

*Na semana santa, a partir de 4ª feira, temos todos os dias actividades litúrgicas, religiosas e a paralitúrgicas com os jovens. E tinham que vir todos os povos. Por exemplo, uma representação da via-sacra, começava com eucaristia e prolongava-se fora da eucaristia ...(pausa); última ceia e todas as cerimónias possíveis de fazer, que comessem com eucaristia, prolongavam-se pelas ruas da nossa terra, numa cerimónia alusiva à paixão e morte de Cristo.*

**E.** No fundo, é teatralizar de uma forma estética, não virando as costas às inovações, a vida; talvez, penso eu, o facto de ser um padre jovem, seja mais atractivo, há mais uma proximidade da sua própria identidade?

e. *Não digo que não, mas este discurso foi um discurso de criar união pelas pessoas, que estavam divididas pelas naturezas; resultou muito bem, foi fantástico a maneira como os jovens participavam. Infelizmente, hoje não consigo fazer-lo, temos menos jovens e menos crianças. E outros não tão jovens quanto isso... (pausa) emigraram. Não consigo fazer, não tenho gente, essa capacidade de gente na nossa paróquia, porque a emigração levou-as para fora.*

**E.** E continua a levá-los. Sabe para que países vão?

e. *Podemos dividir em dois grupos: emigração para o estrangeiro, em que só vem uma ou duas vezes por ano passar férias; outra, emigração semanal, dentro ou fora do país. Ou seja empresas de trabalho temporário que levam dezenas de jovens ou de adultos à segunda e trazem-nos na sexta à noite. Durante a semana, na maior parte dos lugares, vejo crianças na escola ou idosos que ainda andam por cá... (pausa) porque gente de meia idade... (breve pausa) é residual porque de facto a nossa agricultura...*

**E.** E já estamos a falar da sobrevivência na parte económica. E era aqui, neste ponto, que gostaria de pegar.

e. *À quinze anos a vivência familiar e particular das pessoas, inspirava muitos cuidados; eu lembro-me... (pausa mais longa) a questão da higiene, das salubridades,*



*das casas, era muito periclitante... (pausa) e tinha problemas bastante graves. Hoje, eu corro a freguesia toda, casa a casa, uma vez por ano na visita pascal... (pausa) e fico espantado pela positiva, sem dúvida, pela mudança radical na vida das pessoas. Hoje as suas casas são casas grandes, com aquecimento ... (breve pausa) com tudo isso; portanto, houve uma mudança abissal, nestes quinze anos.*

**E.** O seu discurso teve resultado!?

*e. Acredito que sim. Por outro lado, preocupa-me porque essa mudança é fictícia; é que 50% estão super endividados ... (pausa) conseguiram mudar a sua vida, a sua mentalidade ... (pausa longa) hoje há luz, quartos com comodidade, com armários e não arcas, com camas, com colchões ortopédicos ultramodernos e não cheios de palha, etc. etc. ... (breve pausa) mais vive-se desafogadamente, no mínimo 50% das pessoas. Mas também sabemos que há um endividamento grande e as pessoas vivem com grande dificuldade. No entanto, esta dificuldade é superada pela mão-de-obra que vai gerando receita.*

**E.** Mão-de-obra que é pendular?

*e. Há a que vai ao estrangeiro e volta. Portanto, isto vai mantendo as pessoas com algum desafogo. A agricultura, essa não tem hipótese, não faz concorrência, muito menos dá subsistência ... (pausa) as pessoas hoje... (pausa mais longa)*

**E.** Hoje, as pessoas compram mais do que aquilo que precisam?

*e. Esta dinâmica não passa por mim, passa por todos, inclusivamente pelas próprias pessoas de perceberem, porventura, que a direccionalidade das vidas não é a melhor, porque hoje a vida é facilitismo e paga-se tudo muito caro, inclusivamente a saúde... (pausa). Bom, este aspecto social também nos dá uma outra indicação muito engraçada. É que as nossas crianças de hoje, os nossos jovens de hoje, com os seus 10 aos 18 anos ... (pausa) têm uma postura completamente diferente do que tinham há 15, ou há 10 anos atrás; a maneira de encarar as coisas, a maneira de ter acesso às coisas, a dinâmica da sociedade, do país, é muito mais aberta. E isto facilita maior inovação e compromisso, porque as pessoas estão receptivas à novidade.*

*Ora, se esta dinâmica atrai a gente nova ... (pausa mais longa), se a atrai para estas novidades, para esta aventura ... (pausa) faz um pouco do culto da religiosidade popular, e sobretudo de religião da Igreja católica.*

**E** Sente isso na frequência religiosa? Ou é na interacção com os jovens, ao ser professor e também nas cerimónias que presenciei? Há um certo distanciamento dos padres tradicionais?

e. Há um certo distanciamento... (pausa longa). Ao domingo... (breve pausa) o ir a uma cerimónia qualquer diz muito pouco. E troca-se uma cerimónia religiosa por um jogo do Benfica ou algo do género. Só não o fazem se a cerimonia religiosa os compromete numa identidade... (pausa) numa certa personalização do que estão a fazer. E isto é difícil de gerir, porque a missa pode ser celebrada de várias formas. Até pode ser teatralizada e como se diz por aí fora. Missa jovem...de crianças, ou de velhos, ou de adultos... (pausa mais longa).

Nós, não podemos... (pausa) e **eu sou contra isso**, (palavra dita com mais ênfase) de criar missas para os diversos estados etários da vida; porque a missa, não é mais jovem por ser dos jovens ou cantada por jovens, ou não é mais velha por cantar cantos tradicionais de há 30,40 anos atrás. Porque, quando um bebé faz 1, 2, 3 anos de vida, põe os familiares à volta; mas quando a avó faz 70, 80 ... (pausa) reúnem-se à sua volta pelos 70, 80 e a festa acontece! E na comunhão, a família reúne-se. Ora se não temos essa capacidade de perceber que a missa não é simplesmente para os jovens, ou para qualquer grupo etário, mas sim para todos, na diversidade de cada um, perdemos a noção de comunidade e de união.

Porque no dia em que se celebrarem missas dos idosos ou das crianças, criam-se cisões, fazem-se cortes e estabelecem-se radicalismos; porque não é para mim ... (pausa), eu isso não concordo. A dinâmica que tenho procurado criar é essa. É que ao fazer uma simulação com a Via-Sacra, tenho gente nova que faz as representações ou figurações bíblicas diversas. Mas também tenho que ter lá as pessoas idosas que representam as personagens de Jerusalém. Ou a Nossa Senhora que representa a mãe de Jesus ... (pausa), e por aí fora; mas isto não é fácil... (pausa); estas pessoas coíbem-se de fazer a figura de Nossa Senhora... (hesitação e pausa) " não estou preparada, não me sinto bem, as pessoas, criticam-me por isto ou por aquilo". Não tem sido fácil, mas temos conseguido alguns, e temos feito algum trabalho ... (pausa mais longa).

"O senhor faça isto" e a pessoa olha para mim uma, duas vezes, mas não diz que não. Ou porque também há uma empatia, uma responsabilidade directa, para que venham falar comigo ... (pausa) ou também porque as pessoas falam "anda também, o Sr. Padre é que me chamou e não conseguir dizer-lhe que não." (sorrisos).

Esta cumplicidade que acaba por ser salutar, de chegar à beira de um ou de outro e dizer ... (pausa).

E O Sr. Padre procura um cruzamento da vida das pessoas, para além da cerimónia religiosa, em si! Procura com que as pessoas sintam uma ligação com a igreja sem ser um acto religioso. Será um acto quotidiano, cultural, perguntamos?



e. 50% da minha actividade de padre, tenho-a assentado muito na promoção das pessoas. Eu não posso ter a veleidade de pensar que quando as pessoas não têm pão para comer vão à igreja agradecer, ou que vão pedir a Nossa Senhora que os ajude numa situação dos seus filhos, se eu não tiver lá ... (pausa); é esta cumplicidade e esta presença, ...(pausa) em ser intromissão; mas às vezes também ajuda muito a que se faça esta ponte.

Imaginemos, uma actividade qualquer, em que eu preciso que alguém me ajude para um trabalho, "Eu precisava da sua ajuda", peço eu, porque as pessoas sentem uma certa obrigação com o Sr. Padre. A mim muito me honra esse epíteto.

E. O Sr. abade é um nome ainda hoje usado por pessoas ... (hesitação) porque é um orientador?

e. O abade era o pai. Abade bem de aba, na célebre frase de Cristo no calvário; o abade, com as suas asas e protecção protege seus monges e frades. Eu acho que tenho procurado nesse sentido envolver-me com as pessoas e procurado que elas se envolvam comigo. Eu tenho a certeza que as posso ajudar em muitas circunstâncias da vida, com amizade, na vida social que a gente vai tendo. De dirimir as questões, e as pessoas sentem isso.

O padre para o qual estão a olhar não é tanto aquele que está no pedestal superior e dá um sermão e é intocável, mas precisamente o contrário; cada abade tem a sua maneira de reagir e de interagir mas... (pausa) muitas vezes... (nova pausa) ainda hoje, não tantas vezes, mas se hoje for preciso compor qualquer coisa no mosteiro porque há coisas caídas ou pouco asseadas, eu pego numa sachola e vou pegar num tractor.

E. Portanto, partilha com eles o trabalho?

e. Depois também tive a felicidade de viver no seio de uma família que me habituou a isso, a não ser dependente dos outros, mas sobretudo a ser autónomo, como um exemplo de ser capaz; e o sacerdote pegar no tractor e andar a acarretar terra ou pedras, ou pegar numa enxada e compor uma coisa qualquer.

E. É capaz de dar alguns sorrisos ou estranheza em algumas pessoas!

e. Hoje não; hoje, as pessoas se calhar até participam a ver se ... (pausa mais longa).

E. Essa pequena coisa pode ser a alma dos seus segredos?

e. *Toda esta dinâmica que tenho tentado desenvolver, tem sido um ponto forte. E um outro ponto forte tem sido, e não ponderei retirar... (breve pausa) gosto de tomar o meu cafezito depois de almoço, fumar um cigarrito, ou beber um copito,*

**E.** É chamada a sociabilidade?

e. *Vou ao café e sento-me na mesa de qualquer um, que me chama ... (pausa) ou tomar um café. Ou meto-me com alguém para ... (pausa) em vez de dizer "Bom dia", meto-me com eles. Há uma empatia na relação; e mesmo gente nova e meia idade, muitas vezes fazem isso. E é interessante, mesmo nalgum calão que as pessoas utilizam o calão, a asneira, faz parte do vocabulário, que é dito muitas vezes sem qualquer intenção; 99% dos palavrões é de circunstância, de desafogo. E quando às vezes lhe saem dois ou três há sempre alguém que diz "está aqui o Sr. Abade" ... (pausa) "se não me querem à vossa beira, eu vou embora; quer dizer, sem criar uns ouvidos pios que não aceitam uma laracha, mas sem dar a ousadia de um corriqueirismo ou de um calão que é abençoado ... (pausa) nem de perto nem de longe. E esta empatia tem sido ótima porque muitas das coisas que tenho feito, de obras, de eventos, de promoção de coisas sociais, não é difícil de arranjar dois ou três que ajudam num projecto, ou de arranjar dois ou três, convidá-los, ou promover um passeio de motos... (pausa) ou coisas do género. Eu costumo dizer e muitas vezes peço, "organizem que também vou", mas depois sobra para mim. Eu vou porque organizo.*

**E.** O Sr. padre é uma pessoa virada pró povo ... (pequena pausa), e diria mais, tem o povo consigo? Não nota que aqui apareçam "cavaleiros andantes" de outras religiões? Os chamados "padres" prosélitos?

e. *Há um proselitismo grande; ainda há uma comunidade activa, as testemunhas do Jeová neste concelho. Mas resume-se a esse proselitismo religioso, ou seita ... (pequena hesitação) vá, de outras religiões, aqui não há. Aqui em Salzedas, não há grandes professores.*

**E.** Então a concorrência é inexistente praticamente!

e. *Mas isso também é uma coisa que conquistei das pessoas. Eu tinha amigos testemunhas de Jeová ... (breve pausa) tinha e tenho. E se chegam cá e me vêem ali, chamam-me e eu tomo café com eles, não tenho problemas.*

**E.** O Sr. Padre já abordou a parte social, a parte económica, os modos de vida, de alguma pobreza material ... (breve pausa) porque as pessoas querem mais e melhor; já temos esse quadro, de "pobreza", de carência material de algumas famílias. Obviamente que o Sr. Padre sente essa realidade! O saltar pró mapa, a



imagem destruída do mosteiro e da própria Igreja, tudo leva o seu tempo, e o que o senhor projecta com avanços ou com mais estagnação ... (pausa), os apoios são na medida certa do que foi acordado? Como se sente, e o que tem em mãos para executar?

*e. Como disse, das duas três; deitar as mãos a isto e fazer isto um pouco... (pausa,) o projecto de uma vida. Não da minha, mas de uma vida e que condiciona toda a minha actividade pastoral; aliás, digo na brincadeira e com mágoa ... (breve pausa) “faço de tudo e às vezes também sou padre”. Esta situação martiriza-me um pouco, porque apesar de tudo o que faço... (pausa) professor, dinamizador de actividades culturais, dinamizador de actividades turísticas ... (pausa mais longa) apesar de tudo isso, acredito que o paladar que me dá este digerir... (pausa) antes de mais, é um privilegio de Deus, e depois da família, dos homens, da igreja e por aí fora; tenho pena de não ter esta capacidade de ser cada vez ainda mais padre. Neste sentido de vivência espiritual e interior ainda mais forte. Mas também por outro, lado dá-me esta possibilidade de dizer, “mas um pai, uma base, um Deus em que acreditamos, também quer que a sua gente seja feliz”. E só depois é que quer que ela assuma um compromisso.*

*E nós damos na História da Salvação, desde o primeiro ao último livro da Bíblia; que deus liberta o povo da opressão, para que ele sinta a liberdade de ser feliz e agradecer a Deus. Ora, eu não posso obrigar que as gentes que eu lidero como padre, que façam uma festa, gostem da cultura e do património, se não tem na sua família, amigos e filhos ... (pausa) uma união, de movimento, de cor, de festa. Ora, e é isso que me levou a agarrar este projecto como um projecto de uma vida.*

*Eu não conseguia compor o mosteiro em três ou quatro anos,era impossível. Em termos estruturais era inviável; não conseguia compor tudo o que estava porque era mais do que muito e numa diversidade enorme. Não estamos a falar de paredes e telhados Estamos a falar de paramentos, missais, utensílios pessoais, as casas das próprias pessoas, de lugares de interesse, de lugares preservação, e por aí fora. Tudo isto tem sido um esforço com uma equipa vasta, sem dúvida. Desde uma equipa de geólogos, antropólogos, arquitectos, estudiosos destas coisas como é o caso. Tudo isto dá esta dinâmica de muito se falar de Salzedas, do Mosteiro de Salzedas e das gentes de Salzedas. E é neste sentido de criar esta dinâmica de recolocar as coisas no seu lugar e com a razão daquilo que existe ... (pausa mais longa).*

*E nesse sentido a recuperação do mosteiro foi feita a título de dar a esta gente a capacidade de dizer isto, “nós não estamos bem, a sociedade hoje ... (breve pausa) não há dinheiro para isto e para aquilo”, mas as pessoas perceberam que em muitas*

*terras do nosso país, não há 20 mil visitantes como temos hoje... (pausa mais longa) e nós aqui já conseguimos obter esse patamar. Coisa que há 15 anos, nem de perto nem de longe. Ou de dizer às pessoas que a cultura do sabugueiro pode ser o futuro desta região, que é única no país. E a sua capacidade de produção da baga, da flor, da produção do licor, pode ser uma mais valia única, e uma mais valia económica e social. E isto ligado sempre a esta presença monástica, que cultivou as pessoas e continua a cultivar. Volto a dizer às pessoas que não deixem cair aquelas casas, que estão no bairro medieval, na judiaria ... (breve pausa) **porque aquilo não é uma casa qualquer, não é um conjunto de casas velha** (pausa com elevação do tom de voz)*

**E. De facto nunca se vê, nunca vi em lado nenhum!**

*e. Mas se aquilo está de pé, não é porque os organismos tenham feito alguma coisa; tem sido uma luta de chamar a atenção. Hoje, o bairro medieval é monumento nacional... (breve hesitação) a classificação está na parte final, porque é o último na Península Ibérica. E estava aqui ao lado do mosteiro ... (breve pausa) e as pessoas foram compondo, evitaram a derrocada. Felizmente promoveram o primeiro festival das aldeias e, de facto, desde que iniciei este processo de alma e coração ... (pausa mais longa) desde ainda o então secretário de Estado da Cultura, Dr. Santana Lopes e os diversos ministros que têm passado... (pausa), O Dr.º Carrilho, Dr.ª. Elisa Ferreira, Eng.º António Guterres e tantos outros ... (pausa), o actual ministro, o Dr. Santos Silva, na altura na saída do Dr. Carrilho, foi ele que assumiu a pasta da cultura e assinou a parceira e protocolo de desenvolvimento; aqui no Norte, Carlos Laje, o próprio IPPAR, tantos outros nomes... (pausa), não vale a pena nomear, mas que têm aceite este desafio e este pedido insistente... (pausa mais longa), às vezes também um bocadinho abusivo da minha parte, digo eu, de que não esqueçam isto, que nos ajudem, que nós queremos isto, que nós temos esta vontade, que nós temos esta direccionalidade.*

**E. Deixe-me perguntar-lhe! o Sr. Padre, como já vimos, está muito interessado porque liga isto à vida das pessoas; os poderes locais têm ajudado, ou não estão sensibilizados?**

*e. Os poderes locais ... (breve pausa) a Câmara Municipal, a Junta de Freguesia, têm sido excepcional. E quando eu peço o tractor, se não têm ninguém disponível, dizem-me, "vá buscá-lo".*

*Eu posso dizer que acabamos há oito dias uma intervenção na capela de Meixedo, ... (pausa) que na freguesia eu não tenho nenhuma capela que seja preciso compor,*





ou nenhum nicho que seja preciso compor. Entre a participação das pessoas, ou da Câmara, no âmbito de materiais ou se for preciso algum aspecto monetário... (breve pausa); quando é necessário, nós temos o património religioso salvaguardado.

E nos eventos que promovemos, apoiamos economicamente para as despesas que surgem, seja no encontro das Janeiras, seja nos encontros das bandas, seja como fizemos ainda há uns tempos a chamada Festa do Touro, que entretanto serenou porque como tudo, tem despesas e depois à medida que se vão fazendo tornam-se inoportáveis, qualquer dia voltamos a fazer, ou passeios pedonais da flor do sabugueiro, ou dos veteranos ou das aldeias, etc.. a participação económica, o apoio logístico. Se é preciso montar um palco, se é preciso transportar gente ... (pausa mais longa) e das últimas grandes realizações que fizemos, foi o Fórum Inter Aldeias, aqui em Salzedas, em que juntamos 17 aldeia... (pausa) deste interior e do norte transmontano, desde Salzedas até Provesende, Bragança, Vinhais, Favaios, Alijó, por aí fora, **tivemos 17 aldeias** (com admiração, com elevação do tom de voz); muito interessante, reuniu milhares de pessoas com os seus produtos tradicionais, com a sua situação cultural, a partilha... (pausa), isto, tem sido de facto apoiado por estas entidades... (pausa mais longa) também sozinho não dava (afirmado com menor tom de voz)

E. Pregava no deserto, se fosse sozinho?

e. E nestas coisas convém dizê-lo, muitas das situações das dinâmicas, do entrosamento que é feito com as pessoas, também se deve à dinâmica dos poderes locais e nacionais. E deixe-me só dizer a nível de políticos nacionais, que às vezes apetecia-me berrar contra eles. Mas nem sempre o que apetece é o melhor, e os apetites e os nervos, nunca são os melhores meios de obter uma finalidade. E o que tenho feito é em parceria, em diálogo... (pausa) quantas vezes vou para Lisboa ou Porto a uma reunião ou um almoço, e digo, aqui que estou! As vezes ate não consigo fazer o que queria, mas esta forma de estar tem ajudado em muito a dinâmica de Salzedas. E hoje, felizmente, consigo ter uma relação de amizade, de simpatia, de cordialidade com qualquer organismo do país, com base nesta postura. Porque de outra forma, agita águas e criamos anti-corpos... (breve pausa) E eu sinto-me lisonjeado quando algum destes senhores vêm ter comigo e dão-me os parabéns pela maneira como fiz a coisas ou pela amizade. Ou se nos encontrarmos em qualquer lado ou sem nos encontrarmos, eles perguntam: “Padre Seixeira, então por aqui? Como anda Salzedas?” Isto para mim diz tudo.

E. Salzedas está no mapa!

e. *A maior finalidade é para essa gente. À medida que as pessoas cuidam dos seus campos, estão a criar paisagem, estão a criar produtos, e estão a criar produtos turísticos para os passeios pedonais, assim como para exportação. Portanto é gente que está cá... (pausa), já não sai, e que cultivam os seus campos, porque sabe que no final, na apanha, vai ter uma rentabilidade daquele produto que está a cuidar*

*É um produto que se cuida sem qualquer manuseamento... (pausa) o sabugueiro é a poda e apanha. E tratar da terra para que não crie muitas ervas. Isto é, damos consistência a quem está para que não fuja ... (pausa) e damos perspectivas para quem não está para que regresse. É o “regresso à minha terra para fazer o que”?*

*Assim como a pessoa que cultiva a terra, ao tratar do asseio da paisagem, está a chamar turismo. E nós ao chamar turismo precisamos de gente que nos acompanhe, que faça os percursos, que os receba nos mosteiros, que tenha capacidade logística e ... (breve pausa) de vária ordem. De estalagem, dormidas. No ultimo grande evento que fizemos tivemos um problema grave porque não tínhamos condições para tanta gente.*

**E.** *Esse conhecimento todo que domina, tem uma equipa atrás de si que trabalha consigo? É esse o Centro de Estudo que eu li na Internet?*

e. *É esse Centro de Estudo que estamos a formar. Não é Centro de Estudo institucionalizado já, mas é neste Centro que vamos disponibilizar toda esta informação e esta dinâmica numa forma de divulgação e de consulta que hoje usamos esse meio, que é um meio moderno e que de facto nos dá uma outra capacidade de resposta que não temos tido e que começamos a ter á medida que estamos a chegar a este ponto, que é um ponto de estudo feito, mas é um ponto de partida para o futuro.*

**E.** *Era um ponto de chegada para uma conclusão que valia a pena ... (pausa) e agora é um ponto de partida para a dinamização de uma coisa que tem como certa; que é uma base científica e de estudo feito sobre este impacto económico. E para esse núcleo criativo tem envolvido gente jovem que está em universidades e escolas secundárias? Ou esse grupo é todo composto por pessoas “maduras”?*

e. *Nós temos que fazer aqui duas destrições: toda a vasta equipa que tem colaborado e que tem feito todos estes estudos ... (pausa) é gente que está ligada aos meios científicos. Mas que tem tido capacidade de nas suas horas vagas, na sua componente não tão específica do seu trabalho, se tem disponibilizado. E gente jovem! Estou a falar de um arqueólogo do IPPAR, tem a minha idade! Ou de outra gente que também está ligada a isto, um pouco mais velha que eu, e que estamos, digamos assim, no núcleo duro de dinamização e estudo, consistência, de um certo motor. E depois ligado também às faculdades gente da meia idade... (pausa) gente que não se fica apenas naquele trabalho de gabinete e assume este trabalho como*



*uma oportunidade de desenvolver a sua capacidade, os seus estudos, o leque da sua acção na realidade e no local que são as gentes, o monumento, tudo isto. Escusado será dizer que 2/3 das pessoas que participam na recuperação do mosteiro... (pausa mais longa) é gente que faz esse trabalho gratuitamente, abnegadamente nos seus tempos livres, aproveitando os meios que tem ao seu dispor na Universidade*

*Um terço apenas daquela gente que está nos locais de decisão, que se compromete, é que faz a sua actividade profissional no projecto que está a desenvolver como são os técnicos do IPPAR, técnicos de turismo... (pausa) e as próprias faculdades tem direccionado para aqui, muitos dos seus formandos que nas sua monografias e trabalho de final de curso; o que nos dá uma capacidade de vermos isto:” não nos vamos preocupar com o levantamento topográfico, porque a faculdade o está a fazer no âmbito do estudo ou de uma licenciatura”. E esse trabalho, já é um trabalho que fica, que não nos vai custar dinheiro, mas que é uma capacidade de resposta para que nos estudos que vamos desenvolvendo, possamos dizer: “nós temos um levantamento topográfico para se experimentar um sabugueiro nesta encosta ou naquela”... (pausa), ou para fazer uma caminhada com um dado declive, mediante as regras, isto é, acaba por ser um trabalho múltiplo de várias coisas que se fazem, mas que depois nós tentamos coordenar, conforme a finalidade, neste ou naquele âmbito ou protocolo.*

**E.** Sr. Padre, penso que está feita uma pincelada por toda a vida daqui; não lhe vou perguntar que ligações têm o bairro histórico medieval; é uma questão histórica que está escrita, mas que ainda precisará de ser muita explorada; eu estive a observar apenas; porque se concentrou este núcleo residencial de judeus aqui? Porque estavam quase em simultâneo noutros pontos do país? Mas, pelo menos, já levo um dado daqui. É que nos objectivos do projecto de recuperação de Salzedas, a judiaria também lá está para ser estudada. Dizia eu, temos aqui uma pincelada da parte social, da economia, e da parte cultural ainda não falámos; das bandas que existem, como está esta vida das bandas, que motiva estes jovens e os mais idosos?

**e.** *O aspecto cultural é de facto neste vale de Varosa é extremamente complicado de analisar, mas aos olhos de quem chega, deixa-nos ficar um périplo de possibilidades, e de estudos e levantamentos que são de facto muito particulares.*

*À sombra dos mosteiros... (pausa), e aqui não tenhamos nenhuma dúvida, a presença judaica no Mosteiro de Salzedas, e em Lamego com duas fortes comunidades, e aqui à volta, é um resultado cultural que também se deve também enaltecer.*

*Sobre o aspecto comercial, temos um estudo sobre S.João de Tarouca que nos irá dar uma resposta curiosa, única e singular.*

*Como por exemplo, se eu disser que em S.João de Tarouca temos selos de tecidos vindos da Inglaterra, **não foram os monges que foram lá comprar!** (palavras ditas com maior tom de voz);ou faianças vindas da Flandres, Espanha, Itália, não era os monges que os iam comprar... (breve pausa), quem fazia esse comércio?*

**E.** Tudo leva a crer que foi o intercâmbio comercial que houve.

**e.** *E nós encontramos alguns destes selos, algumas destas cunhagens, no Porto,*

**E.** Na Zona de São Nicolau onde esteve instalada a judiaria do Porto?

**e.** *Não podemos esquecer que o Douro é o grande meio de comunicação para o resto do interior. E o Douro que estava sua grande parte voltado ao Mosteiro de São João e ao Mosteiro de Salzedas. Ora, se nós temos a presença judaica aqui nas nossas terras, se temos um Douro que é um canal de comunicação, temos as quintas do Douro que pertencem aos mosteiros de Salzedas ou de São João e outras; foi a dinâmica cultural e agrícola que os mosteiros imprimiram; nós não teríamos o Vinho do Porto se os monges não trouxessem as castas de França, não as cruzassem, não as plantassem, não desbravassem o Douro para que o Douro pudesse produzir vinho. Infelizmente, em todas estas comemorações do Douro Património Mundial... (pausa mais longa). Ainda ontem, em Lamego acerca de uma exposição se falava nisto. E eu chamava a atenção, o Douro está a passar ao lado de quem lhe deu a alma e o espírito... (pausa) e o nome da alma e do espírito que os monges deram ao Douro chama-se Vinho do Porto.*

*Toda esta cultura que os monges colocam fora do mosteiro, na agricultura e na cultura, fizeram do Vale do Varosa, centro de uma importância capital no desenvolvimento tecnológico, social, económico e mesmo de medicina. O Mosteiro de Salzedas e de S.João de Tarouca a determinada altura da sua história (séc. XVIII) pagavam todas as despesas para que um monge ou dois fossem estudar para a Universidade. Ora, isto quer dizer que a cultura não se cingia a fazer missas; e como isto não chega, a reforma de Cister em Portugal, foi feita entre Salzedas e S.J.Tarouca; Salzedas terá tido no século XVII XVIII prensa manual para a publicação dos livros e missais. Nós sabemos que na botica do mosteiro havia códigos da medicina parisiense, da medicina da Áustria; havia uma colecção de livros fabulosa, que faziam inveja a muitas faculdades.*

*E por saber de cultura, mais do que local de escola espelha, de facto... (pausa), conhecimentos musicais.*

*Em 1800 o órgão de Salzedas avariou; o frade natural de Salzedas, Silvestre de Aguiar Bizar, fundou um quinteto musical para animação litúrgica. Em, 1836 a banda*



*foi composta e continuou e deu origem à Banda musical de Salzedas que em 1839, depois da expulsão dos monges, se autonomizou e dura até hoje.*

*Estamos a falar de um concelho que tem quatro bandas no activo; há uma cultura musical que é impar. Um concelho com dez freguesias, dez mil habitantes em que quatro bandas com mais ou menos 200, 250 pessoas a executar musica ... (pausa mais longa), até se criou uma Academia de Música, da Câmara Municipal, que tem ido de Norte a Sul do país e até no estrangeiro, não é por acaso que aparece aqui. Quantas zonas do país existem com tanta cultura musical? Eu não conheço muitas zonas com tanta cultura musical.*

*Isto são dinâmicas que perduram; por exemplo, a botica, que foi célebre, aqui de Salzedas, e que se celebrou numa pessoa, o Sr. Barros, que pertencia ao mosteiro. O Mosteiro vendeu a botica a esse senhor. Ainda hoje sei que há um familiar do sr. Barros que possui um recipiente, de cerâmica, estilo japonês que é único no país. Com uma pintura linda, perfeita.*

*A botica terá existido logo no início, e o abade em 1425 fundou um Hospital mesmo ao lado da torre de Ucanha, custeado pelo Mosteiro, com cirurgião e monges, e que se aguentou até 1834, e continuou depois. No século XV, era o maior Hospital da nossa zona e um dos maiores do país com boas camas; lá, o mosteiro colocou o Seu Cirurgião da corte no Hospital sem lhes cobrar um tostão, e o Rei cobrava 30000 reis, um bom ordenado na altura. Isto é cultura viva, cultura vivenciada. Não é aquela cultura que dizemos assim. as crianças e os jovens iam ao mosteiro aprender o “pai nosso” e as coisas de índole religiosa, não! Não é difícil de perceber o porquê, não podemos esquecer que aqui viveu Egas Moniz, aqui viveram os primeiros reis; D. Sancho foi educado aqui. O privilégio que tinha dentro da corte, não era por acaso, não era só por que sabiam rezar.*

*Também era uma garantia da remissão dos pecados. Mas era sobretudo um reconhecimento de que neste mosteiro se dinamizava e cultivava o saber. Muitos, vivendo no mosteiro como monges. Nunca o foram, mas viviam no mosteiro como monges.*

*E deixe-me concluir nesta questão da cultura ... (pausa) hoje parece que é engraçado e se torna chique dizê-lo desta forma, mas cada vez mais os mosteiros foram nesta dinâmica do país, Cister foi uma civilização. Soube ensinar agricultura, ensinar a aprender e comercializar, tudo isso.*

*Mas para isso tinha dois sócios, dois grandes tipos de trabalho especializado: por um lado, todos o que se dedicavam a comercio e pagavam o seu dizimo nas transacções, e aqui os judeus tiveram um papel fundamental; por outro, os conversos que ensinavam agricultura, que cuidavam das quintas, que iam trabalhar para as granjas, que iam receber os bens para o mosteiro.*

*Estes dois povos, o comércio por um lado e os recursos naturais quando a agricultura era a fonte dos bens, deram ao mosteiro a capacidade logística e económica de estar na linha da frente e de nunca se cingirem apenas a simples monges copistas, mas de transmitirem o saber, dentro das condicionantes que cada templo tinha para fora. E essa é, porventura, uma das dinâmicas que futuramente podemos falar com dados muito concretos... (com pausa), com arqueologia e estudo estruturado. Eu diria que além da frase “às vezes também sou padre” (terminou com sorrisos).*

**E.** O Sr. Padre ri-se, mas é a frase que resume a conversa que nós tivemos! Na altura eles criaram a cultura, a dinâmica, o desenvolvimento social. Neste momento, na minha opinião, o Sr. Padre Seixeira está a fazer renascer das cinzas, a cultura que foi ostracizada e vilipendiada e está, pouco a pouco, com alguns apoios, a transmitir aos jovens o que foi o passado histórico português. É um dos seus objectivos ... (pausa), o que deduzo, é que não “morreria satisfeito”, passe-se o termo, se não conseguisse transmitir isto para a sua comunidade.

**e.** *É uma tarefa, um projecto... (pausa mais longa), é uma dedicação que todo este desenvolvimento que tenho feito pessoalmente, e posso dizê-lo, sem estar com dúvidas, de que consegui fazer sentir a todos aqueles que têm ajudado nesta dinâmica, esforço e trabalho. Se eu mereço alguns dos elogios que me deu, concerteza que não é só para mim, mas para todos aqueles que tem trabalhado, têm acreditado neste projecto, e têm dado muito do seu tempo a este projecto, do vale de Varosa, da dinâmica de Cister, e do rasgo que Cister teve em tempos, com altos e baixos, mas que teve... (pausa) na formação, na génese do nosso País, no desenvolvimento da região e toda a produção que no nosso país se avista... (pausa mais longa) e pelo mundo fora.*